

INTERCULTURALIDADE E INTERCONECTIVIDADE
NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA DE
EDUCAÇÃO BÁSICA LEONARDO CRIXI APIAKÁ:
processos educativos da língua apiaká
e tapirapé no programa novos talentos

José Maria Crixí¹

Robertinho Morimã²

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira³

RESUMO

Este artigo é resultado dos trabalhos do subprojeto Interculturalizando Talentos: articulações entre linguagens, história étnico-cultural e educação ambiental em escolas indígenas, realizado no Programa Novos Talentos Educação, Meio Ambiente e Diversidade do Vale do Arinos. Este programa é financiado pela Capes e desenvolvido pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), *Campus* de Juara-MT, tendo como parceiro o Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (Cefapro). O projeto é realizado em três escolas indígenas, sendo uma delas a Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká.

PALAVRAS-CHAVE: Fortalecimento da cultura; interculturalidade; Língua Apiaká.

1 Especialista em Educação e Diversidade e prof. da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí.

2 Professor da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí.

3 Professora Doutora em Educação. Professora do Curso de Pedagogia do Campus de Juara e coordenadora do subprojeto Interculturalizando Talentos.

ABSTRACT

This article is the result of the work of the subproject Interculturalizing Talents: Joins between languages, Ethnic Cultural history and Environmental Education in Native Schools, performed with the New Talents Education Program, Environment and Diversity of Valley Arinos, funded by Capes, developed by State University of Mato Grosso (Unemat) Campus Juara-MT, in partnership with the Centre for Training and Upgrading Basic Education Professionals (Cefapro). The project is carried out in three native schools, one of which is the Native State School of Basic Education Leonardo Cixi Apiaká.

KEYWORDS: Strengthening of the culture, intercultural, Apiaká language.

Introdução

A educação é como uma árvore na natureza. Depois que ela nasce tem raiz, cresce e se abre. Assim é a educação.

José Maria Cixi

Este trabalho apresenta uma experiência intercultural e de interconectividade que está sendo realizado com a Universidade do Estado de Mato Grosso, no *Campus* de Juara-MT, junto ao Programa Novos Talentos e dentro do projeto Interculturalizando Talentos: articulações entre linguagens, história étnico-cultural e educação ambiental em escolas indígenas.

Esse projeto é resultado do trabalho de doutorado da professora Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira, junto comigo que, na época, fui seu orientando na pós-graduação Educação e Diversidade no *Campus* de Juara. No início, o projeto foi pensado para atender à comunidade Mayrob, do nosso povo Apiaká, mas depois, pela importância dele, também passou a fazer parte das comunidades Tatuí, do povo Kayabi, e Munduruku, do povo Munduruku. O projeto consta de vários momentos de estudo que são feitos na Unemat e na comunidade, com a interconectividade com outro povo, o povo Tapirapé.

Conversando com a comunidade Mayrob

É muito importante compartilhar com a comunidade, lideranças e anciãos as propostas que temos de fortalecimento da cultura. Mesmo que seja um dos objetivos de toda comunidade.

Então, fizemos várias reuniões com a comunidade na aldeia para definir o que seria trabalhado dentro do projeto. E foi assim que fomos participando desde a elaboração do projeto, e depois reunimos com a comunidade para as decisões mais específicas. Dentre essas decisões identificamos que trabalhar com a língua materna (a sua revitalização) seria o que nós temos de mais importante neste momento.

Escrevendo, analisando e vivendo o projeto

Os encontros na Universidade do Estado de Mato Grosso, no *Campus* de Juara, ajudaram a fazermos a elaboração do projeto e os contatos com o povo Tapirapé para que nos auxiliassem na revitalização da língua.

Todos participaram das discussões e das decisões sobre o projeto que iríamos iniciar a desenvolver na comunidade, mas as pessoas que participaram da escrita dele foram (Fig. 1): Cristina, Edevan, Ivanete, Robertinho, Evanilson, Sandrini, Josimo, Clenildo, Marinés, Lucildo, Elivan, Pedro, José Maria, Claudiane, Ângelo.

O projeto ficou com o título seguinte: *Resgate da língua Apiaká*.

De acordo com o projeto, os professores da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká se reuniram no *Campus* da Unemat, em Juara, para ver a possibilidade de desenvolver um novo projeto. E esse projeto teria a finalidade de fortalecer a cultura em interconectividade com outro povo que nos ajudasse.

Foi assim, em reuniões e depois na Unemat, que se chegou ao senso de que existe “uma grande necessidade de se praticar e escrever a língua materna. Visando a esta necessidade foi pensado um tema que englobasse tudo isso, e ficou decidido que se desenvolvesse o projeto de resgate da língua materna (produção de cartilha)”. (JUARA, 2014).

Fig. 1 – Participantes da escrita do projeto.



Fonte: Arquivo do projeto.

Esse pensamento em resgatar a língua materna é um dos nossos maiores desafios. Conforme o texto que escrevemos para o Plano Municipal de Educação de Juara (2014) e no nosso Projeto Político Pedagógico, em

[...] levantamento oficial feito na década de 50, os Apiaká constam como extintos, porém a história diz que apenas dispersos ao longo dos rios Arinos, Juruena, Teles Pires e Tapajós, vivendo como pilotos, seringueiros e caçadores de peles. Atividades realizadas aproximadamente até a década de 1980. (PME, 2014, [s.p.]).

Hoje os Apiaká estão bastante fortes, e em Mato Grosso estão na aldeia Mayrob e na aldeia Mayrowi.

O resgate da língua materna é uma atividade que está sendo coordenada pelos professores da escola. Acreditamos que o envolvimento da escola ajuda nesse fortalecimento. A história do povo Apiaká, os massacres que aconteceram e, muitas vezes, a proibição aos indígenas de falarem na sua própria língua, fizeram com que hoje muitos povos tenham dificuldade em falar na língua materna. E isso não é porque escolhemos, mas porque fomos obrigados a não falar.

A escola tem sido usada como instrumento neste resgate. Na escola tem uma educação que é do branco, do não indígena, e também a educação indígena. A educação escolar indígena é intercultural, portanto interconectada com outras culturas.

De acordo com Crixí (2012, p. 13), “Tem que ter a educação da aldeia e a educação para a cidade para tratar com as autoridades. Saber como andar no meio deles, tem que respeitar a própria cultura”.

A escola é também para:

[...] continuar fazendo as ações que são próprias da comunidade na busca da afirmação dos direitos étnicos. É o desafio de uma escola que abrigue os anseios da comunidade, mas em nossas análises não a vejo, e nem os professores/as indígenas a veem, como uma situação consolidada. (FERREIRA, 2014, p. 110).

Estamos buscando fortalecer e consolidar a educação escolar indígena e a própria comunidade utilizando a escola a nosso favor. Conforme o projeto “Resgate da língua Apiaká”, o nosso maior desafio em fazer com que estudemos e aprendamos a língua materna é por não termos anciãos dominadores dessa língua; as pessoas e os professores são jovens.

Essa nossa realidade fez com que entrássemos em contato com parentes que falam o mesmo tronco linguístico. Assim, em contato com a etnia Tapirapé apresentamos o nosso objetivo, e eles se puseram à nossa disposição para nos ajudar no resgate e, depois, na construção de nossa cartilha.

Em contato com os Tapirapé, eles nos passaram três possibilidades para nos ajudarem a contribuir com nossa produção dos trabalhos.

1. recuperar o que já existe de memória da própria língua;
2. trazer suas famílias; e
3. oficina-formação sobre a língua materna.

Analisando as três possibilidades, para iniciar os trabalhos, chegamos à conclusão de que a primeira ação a ser escolhida seria que viesse uma família Tapirapé para ficar aqui na comunidade Mayrob, e assim todos estariam envolvidos na execução dos trabalhos.

Acreditamos que com esta grande ajuda dos parentes Tapirapé, desde os mais novos até os mais velhos, conseguiremos alcançar os nossos objetivos.

Nós, povo Apiaká, sempre continuaremos na busca de falantes da língua materna e conhecedores da cultura Apiaká, porque sabemos que ela não foi totalmente perdida. Com a nossa força de vontade e a ajuda do projeto Novos Talentos, com certeza iremos desenvolver o que já temos, e aprender cada vez mais com os saberes que ainda estão na memória.

Oficina de Língua Apiaká e Tapirapé: interculturalidade e interconectividade

A oficina aconteceu na aldeia Mayrob, com a participação de todos da comunidade na abertura e em alguns momentos do trabalho. Em outras situações participaram, mais diretamente, os professores e os alunos da escola. Em alguns momentos, a coordenadora do projeto pela Unemat também esteve presente.

Estiveram presentes e receberam boas-vindas da comunidade o professor Xawapare'yimi Josimar Tapirapé, sua esposa Tamane Tapirapé, com seus filhos Myrona e Xarawa Tapirapé, o sobrinho de Josimar, Professor Arawyo Tapirapé, que vieram da Aldeia Tapi'itãwa, terra indígena Urubu Branco, do povo Apyãwa-Tapirapé, município de Confresa-MT. Junto com essa equipe o professor Me. Luiz Gouvêa de Paula, que também mora na mesma aldeia junto com sua esposa Eunice.

A abertura foi feita pelo Professor Roberto Apiaká e José Maria Crixí, diretor da escola. Nós fizemos a explicação do trabalho e as orientações sobre o desenvolvimento do projeto. O trabalho realizado na aldeia Mayrob, nesta primeira etapa, porque virão outras, teve a duração de cinco dias. Podemos falar que foi um trabalho de intercultura e com a participação de três línguas, a Apiaká, a Tapirapé e a Língua Portuguesa, que serviu de interlocutora para que compreendêssemos o resgate da língua. Para alguns autores, a língua portuguesa tem sido compreendida como se fosse uma língua adotada pelos povos indígenas. De acordo com o Referencial Curricular Nacional Indígena (1998), mesmo os povos que hoje falam muito mais a língua portuguesa, ou mesmo que só falam a língua portuguesa, buscam continuar cantando na língua dos seus ancestrais, e isso é também ser bilíngue. Classificam como um bilinguismo simbólico porque é um traço que os identifica, ou seja, cantar na língua materna é uma forma de falar da nossa indianidade.

É pensando assim, e querendo fortalecer a cultura, que temos o projeto Resgate da língua Apiaká. Vamos explicar aqui a realização do trabalho de memória e da elaboração de um quadro comparativo das línguas Apiaká e Tapirapé, que aconteceu dentro do projeto. O trabalho teve como ponto de referência os verbetes que constam no livro “Palavra Apiaká – Nhandé Nhe’eng”, de autoria do Povo Apiaká e publicado pelo Museu Nacional em parceria com a Fundação Nacional do Índio.

Foi um trabalho intenso de pesquisa e de aprendizagem, e a participação da comunidade foi muito importante. O trabalho ainda não se encerrou, e aos poucos estamos construindo novas palavras Apiaká. Tudo foi sendo relatado e os quadros comparativos foram sendo feitos com a ajuda de todos. Os professores Tapirapé anotaram tudo (Fig. 2), e íamos encontrando juntos a forma de pronunciar as palavras, porque elas são diferentes, e algumas pessoas da comunidade foram ajudando com a pronúncia também.

Fig. 2 – Professores Tapirapé e Prof. Luiz anotando e fazendo comparações da língua.



Fonte: Imagens do arquivo do Projeto.

Os professores assumiram a escrita, com grupos de alunos construindo cartazes da comparação das línguas Apiaká e Tapirapé. Fomos escrevendo e praticando na oralidade. Observamos que as crianças sempre aprendiam mais rápido e com maior facilidade. Elas assumiram o trabalho com muita responsabilidade, porque querem aprender a falar no idioma materno. (Fig. 3).

Fig. 3 – Crianças da aldeia Mayrob – povo Apiaká estudando a língua materna.



Fonte: Imagens do arquivo do Projeto.

Durante a oficina foram produzidos cartazes (Fig. 4, 5 e 6) e também foram cantados cantos Apiaká.

Ficou como proposta que no próximo encontro os cantos Apiaká sejam reescritos e que se busque melhor os seus significados, porque não falamos diariamente na língua, mas cantamos na língua e sabemos sobre o que os cantos falam. Um dos cantos que cantamos é o canto do tucano.

Canto do Tucano:

Tuka, tukâna, tukânangateõi
Tuka, tukâna, tukânangateõi
Tuka, tukâna, tukânangateõi
Mametáberêni, awytéberêri
Tuka, tukâna, tukânangateõi
Tuka, tukâna, tukânangateõi
Tuka, tukâna, tukânangateõi
Mametáberêni, awytéberêri
Tuka, tukâna, tukânangateõi
Povo Apiaká (2010).

Fig. 4 – Cartaz na língua materna.



Fonte: Imagens do arquivo do Projeto.

Fig. 5 – Cantando língua materna



Fonte: Imagens do arquivo do Projeto.

Fig. 6 – Cantando.



Fonte: Imagens do arquivo do Projeto.

Em todo o período em que estivemos com a oficina vivenciamos a nossa cultura: na língua, na pintura e nas nossas comidas típicas (Fig. 7).

Fig. 7 – Os artesanatos culturais e o peixe na folha de bananeira.



Fonte: Imagens do arquivo do Projeto.

Uma das nossas decisões foi de registrar tudo (Fig. 8) e depois produzirmos documentários, além da cartilha, porque entendemos que a interculturalidade é também um jeito de aproximar e de, pelos materiais da tecnologia moderna, compartilhar os saberes dos povos indígenas. Desta forma estamos fazendo interculturalidade e interconectividade na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Crixí Apiaká. Estamos construindo processos educativos com a participação no programa Novos Talentos.

Fig. 8 – Registro dos estudos com o povo Tapirapé.



Fonte: Imagens do arquivo do Projeto.

Considerações finais

O projeto Interculturalizando, que faz parte do Programa Novos Talentos da Unemat de Juara, tem trabalhado em parceria com as comunidades indígenas, mas somos nós que temos decidido o que é importante para o nosso povo. O projeto escrito por nós sobre o resgate da língua Apiaká foi uma decisão que tomamos junto com a comunidade, e estamos colocando as nossas forças para que o projeto dê certo.

Não é fácil revitalizar uma língua, mas para nós é uma luta política e de fortalecimento do povo Apiaká. Estamos contando com a ajuda do povo

Tapirapé, e os trabalhos apenas estão começando. Esperamos conseguir produzir a nossa cartilha com o apoio da Unemat.

Entendemos como o RCNEI que

É importante ficar claro que os esforços escolares de manutenção e revitalização linguísticas têm suas limitações porque nenhuma instituição, sozinha, pode definir os destinos de uma língua. Assim como a escola não foi a única responsável pelo enfraquecimento ou pela perda das línguas indígenas, ela também não tem o poder de, sozinha, mantê-las fortes e vivas. Para que isso aconteça, é preciso que a comunidade indígena como um todo – e não somente o professor – deseje manter sua língua tradicional em uso. A escola, assim, é um instrumento importante, mas limitado: ela pode apenas contribuir para que essas línguas sobrevivam ou desapareçam. (BRASIL, 1998, p. 120).

Referências

BRASIL, *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRIXI, José Maria. *A cultura do povo Apiaká na Escola Leonardo Crixí Apiaká*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-graduação lato sensu, Diversidade e Educação, à Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* de Juara. FAED/Unemat, 2012.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. *Educação escolar indígena na terra indígena Apiaká – Kayabi – em Juara-MT: Resistências e desafios*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Porto Alegre, 2014.

JUARA. *Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Leonardo Krixí Apiaká*, 2012.

POVO APIAKÁ. *Palavra Apiaká: NhandéNhe'eng*. Juara, 2010.